

# APONTAMENTOS TEÓRICOS SOBRE O CONSTRUCTO INFORMAÇÃO: ANÁLISE A PARTIR DE SEUS PARADIGMAS<sup>1</sup>

Email:  
ritakmartins@hotmail.com

Rita de Cássia Martins de Oliveira Ventura

## *Resumo*

O objetivo deste artigo é refletir, por meio de uma proposta conceitual, sobre os apontamentos paradigmáticos a respeito do tema Informação. Abordar o constructo Informação é deparar-se com uma multiplicidade de olhares teóricos sobre a sua definição a qual foi se desenvolvendo a medida que novas variáveis foram acopladas em seus limites conceituais. A justificativa para a realização deste concentra-se na importância e no poder vertiginoso que a Informação adquiriu na contemporaneidade. Para tanto, ancorando-se na pesquisa bibliográfica, discorreu-se sobre o constructo informação a partir de seus paradigmas de evolução compreendendo que a construção da ciência e, a partir disso, a consolidação de um conceito teórico acontece por meio da articulação entre suas diferentes abordagens. As reflexões realizadas conduzem ao entendimento de que os conceitos se complementam ao longo das diferentes áreas e subáreas estudadas, orientadas por diferentes olhares e pressupostos conceituais considerando seu caráter multifacetado.

**Palavras-chave:** Informação. Paradigma. Físico. Cognitivo. Social

## *Abstract*

The purpose of this article is to reflect, through a conceptual proposal, on the paradigmatic notes about the topic Information. Approach the Information construct is to encounter a multiplicity of theoretical views about its definition, which was developed as new variables were coupled within their conceptual boundaries. The reason of the realization of this study focuses on the importance and the vertiginous power that Information has acquired in the contemporaneity. Therefore, anchoring itself in the bibliographical research, the information construct was discussed on the basis of its paradigms of evolution, including the construction of science and, from this, the consolidation of a theoretical concept happens through the articulation between its different approaches. The reflections carried out lead to the understanding that the concepts complement each other along the different areas and subareas studied, guided by different perspectives and conceptual assumptions considering their multifaceted character.

**Keywords:** Information. Paradigm. Physicist. Cognitive. Social

## *INTRODUÇÃO*

Na contemporaneidade, a informação, sob a égide do desenvolvimento tecnológico, reveste-se de significância em diferentes contextos sociais. Significância essa fortalecida no bojo das transformações provenientes da Sociedade da Informação que tem em seu ponto central "a geração, o processamento e a transmissão da informação" como "fontes fundamentais de produtividade e poder" (CASTELLS, 2008, p. 67).

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Título da Tese: Compartilhamento da Informação e a gestão de pessoas: reflexões acerca de suas relações e implicações. Orientadora: Prof. Dra. Mônica Erichsen Nassif.

Nessa direção, compreender as raízes teóricas e os paradigmas que cercam tal conceito é de significativa relevância. Araújo e Melo (2007) afirmam que existem múltiplos esforços para a sistematização de um conceito para a informação; porém, depara-se ainda com diferentes definições as quais carregam em seu núcleo as diversas visões de seus autores. De uma forma geral, encontra-se, na literatura pertinente ao tema, três paradigmas: o paradigma físico, o paradigma cognitivo e o paradigma social, que influenciaram a evolução teórica da Ciência da Informação. O paradigma para Kuhn (2007) é como um modelo que fornece os fundamentos sobre os quais um campo de saber desenvolve suas atividades e, quando esse se esgota teoricamente, um novo paradigma o substitui, ocorrendo, o que ele conceituou como “revoluções científicas”. Ou seja, "os princípios científicos estão em permanente desenvolvimento, transgredindo ao que está posto" (GERLIN; SIMEÃO, 2017, p. 37). No contexto da Ciência da Informação, entretanto, Smit (2012) aponta que não existe uma ruptura paradigmática entre os três citados, mas uma integração de olhares diversos, o que levou a um traçado epistemológico que se complementa em suas teias centrais.

Demonstrando essa integração, tem-se o argumento de Le Coadic (1996) o qual aponta que a informação é recebida pela pessoa, um indivíduo cognoscente, dentro de um processo de comunicação para a construção do conhecimento. Conhecimento esse que, após ser construído, segundo Maimone e Silveira (2007, p.62), “será comunicado à sociedade e compartilhado pelos seus membros, que farão novamente o uso (ou reuso) da informação e gerarão outros conhecimentos”. Sob essa perspectiva, a informação é construída e reconstruída por um indivíduo que é, segundo Capurro (2003), “um ser-no-mundo” e, por conseguinte, está impregnado de seu contexto cultural e não age, por isso, com passividade; pelo contrário, é ator protagonista de sua história e de sua relação com o seu entorno social.

Destarte, Saracevic (1999) argumenta que, na centralidade do paradigma social, a informação precisa ser compreendida por meio de uma análise mais abrangente cujos pontos envolvem, além das mensagens contidas nos documentos (paradigma físico) e processadas de forma cognitiva (paradigma cognitivo), o conhecimento dos contextos, motivação e crenças em que essas informações foram produzidas, buscadas e interpretadas.

Sob essa perspectiva, o objetivo deste *paper* é refletir, por meio de uma proposta conceitual, sobre os apontamentos paradigmáticos a respeito do tema Informação. Para tanto, utilizou-se como procedimento uma construção teórica a partir da evolução dos paradigmas relacionados ao constructo e que é parte integrante da tese de doutorado da autora cuja revisão teórica serviu de embasamento para o desenvolvimento deste artigo. A partir dessas considerações, o texto, em questão, apresenta-se organizado da seguinte forma: dando sequência à Introdução, apresenta-se o Delineamento Metodológico que assegura a cientificidade do estudo; segue-se a este, um quadro conceitual no qual se realiza a contextualização e a explicação dos paradigmas que dão suporte ao desenho teórico do tema; finalizando a proposta do estudo, a última seção traz uma tentativa de conclusão respeitando os múltiplos olhares a respeito do conceito.

## 2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Este trabalho se enquadra como um trabalho bibliográfico cuja proposta é gerar algumas reflexões a respeito do constructo informação a partir de seus paradigmas de evolução

compreendendo que a construção da ciência e, a partir disso, a consolidação de um conceito teórico acontece por meio da articulação entre suas diferentes abordagens.

Esse delineamento se assenta na perspectiva de que ao realizar pesquisa “os investigadores aceitam os critérios da historicidade, da colaboração e, sobretudo, revestem-se da humildade de quem sabe que qualquer conhecimento é aproximado, é construído” (MINAYO, 2011, p. 12).

### *3 INFORMAÇÃO E SEUS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS*

Discorrer sobre o termo “informação” é permitir-se analisar diferentes terminologias em vários campos do conhecimento e defrontar-se com definições muitas vezes complementares e não necessariamente excludentes. Esse mosaico conceitual existe devido à significativa importância da informação na contemporaneidade, haja vista que ela é a base para todas as ações, seja na vida particular ou no âmbito profissional.

De maneira geral, todo conceito abarca uma linha evolutiva, o que não se faz diferente ao analisar o constructo informação. Entretanto, para discorrer sobre as matrizes teóricas em qualquer área do conhecimento, é necessário compreender os fatores que impulsionam a evolução de suas proposições as quais Kuhn (2007) chamou de paradigmas. Em se tratando de informação, o entendimento de sua base teórica exige uma análise mais ampla, tendo em vista que se vive, atualmente, uma incessante explosão informacional, o que faz com que todo cotidiano humano se assente em um número infinito de informações, fazendo emergir uma multiplicidade conceitual.

Tal ubiquidade da informação gera desafios constantes para o campo da Ciência da Informação (CI), pois o seu objeto de estudo “não se encontra mais restrito às instituições tradicionalmente vocacionadas para sua preservação” (SMIT, 2012, p. 84), o que traz a necessidade de se fazer um recorte teórico dentro desse mundo informacional para melhor estabelecer as fronteiras que delimitam o conceito de Informação dentro de seu campo de estudo.

Todavia, antes de compreender os paradigmas da Ciência da Informação, é necessário ressaltar as raízes nas quais a área se desenvolveu. A primeira raiz, segundo Capurro (2003), assenta-se nos estudos dos problemas relacionados com a transmissão de mensagens tendo relação com o mundo humano. Já a segunda raiz, ainda na análise do autor, vincula-se ao âmbito tecnológico no que diz respeito aos processos de produção, coleta, organização, interpretação, armazenagem, recuperação, disseminação, transformação e uso da informação. Essas duas raízes concentram a essência da Ciência da Informação e sustentam, por meio dos paradigmas estabelecidos, diferentes estudos que foram e são realizados dentro desse campo do saber.

Considerando, porém, as singularidades de cada paradigma, há de se ressaltar que os autores, na perspectiva de Smit (2012), não abandonaram um paradigma em função do outro. Pelo contrário, houve, segundo a autora, uma incorporação de novos olhares fundamentados em conceitos diferenciados associada a práticas também diferentes, o que levou a um traçado epistemológico que se complementa.

Posto isso, têm-se então as proposições teóricas que se relacionam com essas raízes e que Capurro (2003) sintetiza em três paradigmas que influenciaram a Ciência da Informação que são: o paradigma físico, o paradigma cognitivo e o paradigma social.

### 3.1 Paradigma Físico

O primeiro paradigma apresentado por Capurro (2003), o físico, surgiu associado à tecnologia, aos sistemas de informação e à transmissão de mensagens. Tal perspectiva se consolidou, segundo o autor, com os aportes teóricos da Teoria da Informação de Shannon e Weaver e com a Teoria da Cibernética de Wiener. Araujo (2009, p. 193) explica que os pressupostos teóricos propostos por Shannon e Weaver são “normalmente conhecidos como “Teoria da Informação” e tal denominação não se deu sem motivos: trata-se da teoria que, pela primeira vez, enunciou um conceito científico de “informação””.

Os estudiosos envolvidos, segundo Smit (2012), no desenvolvimento desse paradigma voltaram-se para o tratamento da informação dentro de suas necessidades informacionais, o que gerou uma perspectiva mais “tecno-centrista” no qual “o processo de busca da informação é determinista, não dinâmico e tampouco interativo, não sofrendo intervenção de elementos psicológicos e físicos” (p. 88). Em uma análise sobre os trabalhos de Shannon e Weaver, Araujo (2009) afirma que tais autores reconhecem três níveis de problemas no que diz respeito à comunicação. O primeiro nível dos problemas engloba aqueles decorrentes dos aspectos técnicos que tem ligação com o transporte físico da materialidade (volume do som, qualidade da impressão *etc.*) da informação. O segundo nível diz respeito aos problemas semânticos (significado) atribuídos às mensagens. Na percepção de Araujo

enquanto o primeiro nível envolve apenas uma operação mecânica (reconhecer as letras num papel, captar os sons de uma fala), o segundo se relaciona a uma operação mental específica, a de deprender, de determinada materialidade (sonora, visual, *etc.*), um sentido, que pode se dar de maneira conotativa ou denotativa, literal ou irônica, metafórica, *etc.* (ARAÚJO, 2009, p. 193)

Já o terceiro nível de problema, relaciona-se com o pragmatismo da comunicação, ou seja, com a sua eficácia, pois quem emite uma informação espera provocar reações no comportamento de quem a recebe. Sob esse prisma, os processos envolvidos na transmissão da informação acontecem de forma linear. Para representar essas acepções, apresenta-se na Figura 1 o modelo teórico formatado.

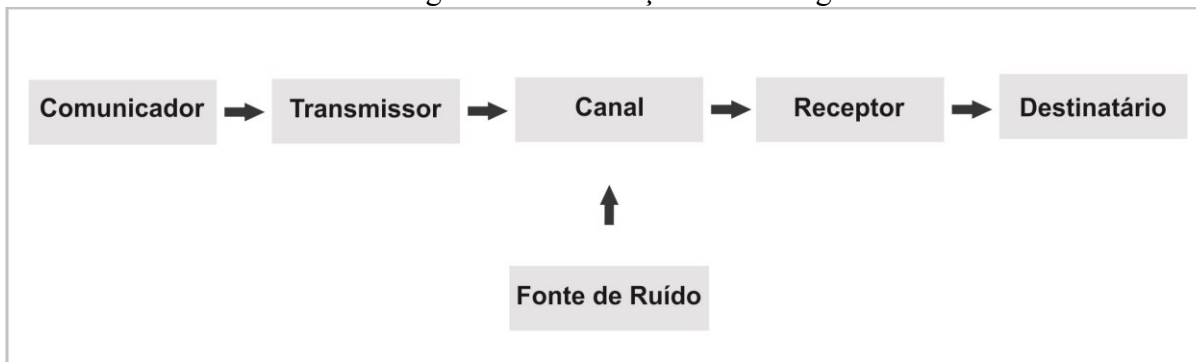
Explicitando a Figura 1, tem-se que

o comunicador é visto como o sujeito elaborador da mensagem, o transmissor, e o receptor são os suportes técnicos que codificam e decodificam, respectivamente, a mensagem para um tipo de sinal, o canal é o meio pelo qual passa o sinal (mensagem codificada). O destinatário é o sujeito que recebe a mensagem elaborada pelo comunicador. A fonte de ruído é entendida como qualquer interferência criada e incorporada à mensagem durante o processo de transmissão, intencionalmente [...] (MAIMONE; SILVEIRA, 2007, p. 59).

Sob esses contornos, o princípio central é que a mensagem recebida deve ser a que foi emitida pelo transmissor. Por isso, para os referidos autores, nesse modelo, o destinatário fica à mercê das mensagens enviadas pelo comunicador (transmissor), sendo assim, elemento passivo desse último. O fato é que a informação, nesse contexto, é compreendida na leitura de Wersig e Neveling (1975) como mensagem sendo, porém, segundo Santos (2013, p. 170), “um termo

multidimensional, podendo se referir a um processo físico, conjunto de símbolos, unidade do suporte físico e símbolos ordenados”.

Figura 1 – Informação no Paradigma Físico



Fonte: Adaptado de Maimone e Silveira, 2007, p. 59.

Essa perspectiva mecanicista, na perspectiva de Capurro (2003), no campo da CI, significa ignorar o papel ativo do sujeito cognoscente, ou seja, exclui a pessoa no processo de recuperação da informação, o que leva a compreensão de que a informação, no âmbito do paradigma físico, é um “objeto (coisa)” ou algo pronto que o comunicador envia ao receptor, sendo chamado por Shannon de “mensagem”. Desse modo, no argumento de Buckland (1991), a informação (objeto) é passível de armazenamento e, quando necessário, pode ser enviada utilizando-se de canais tanto para a transmissão quanto para a recepção independente de qualquer influência contextual. Nessa mesma linha de análise, Marteleto (1987, p. 170) aponta que a “abordagem centrada na mensagem [...] [...] descreve um sistema rigoroso, onde as mensagens emitidas pela fonte são transmitidas por um canal a fim de serem recebidas com um mínimo de deformação por um destinatário”. Nesse sentido, trata-se de um sistema mecânico em que o principal ponto é o canal e sua capacidade de transmitir uma mensagem de forma eficiente.

No que diz respeito às críticas ao paradigma físico, Duarte (2009) sugere que o primeiro ponto a ser ressaltado centra-se no aspecto de que informação e mensagem devem ser consideradas como conceitos distintos. Um – a mensagem – refere-se aquilo que está entre o emissor e o receptor, o outro – a informação – relaciona-se ao processo de atribuir significado à mensagem.

Além dessa questão, deve-se considerar ainda, que o processo de comunicação no paradigma físico desconsidera o contexto social no qual o emissor e o receptor estão inseridos. Ao discorrer sobre essas proposições teóricas, percebe-se o papel restrito do sujeito na recuperação da informação e é justamente nesse ponto que Capurro (2003) afirma ser a limitação do paradigma físico. De igual forma, Rudiger (2004) aponta, dentro de uma análise mais crítica, que os conceitos de transmissor e de receptor desse modelo foram “coisificados”, ignorando a proporção das pessoas e centrando-se apenas na função que essas possuem como comunicadores (transmissores) e destinatários (receptores) no ato de transmissão da informação.

Corroborando essas análises, Duarte afirma que a

informação é um processo realizado pelo ser humano desta forma cabe lembrar que o homem não é ser puramente biológico nem puramente racional, mas é também

psicossocial, reunindo ao mesmo tempo uma natureza social e todos os componentes de sua psicologia (DUARTE, 2009, p. 60).

A partir de então e recebendo influência, segundo Capurro (2003), dos estudos de Paul Otlet e Henri Lafontaine, o paradigma cognitivo se desenvolveu. Esses aspectos reforçam a análise de Kuhn (2007) ao apontar o esgotamento de um paradigma quando o corpo de princípios teóricos em foco não é mais suficiente para dar sustentação ao desenvolvimento das atividades naquele campo do conhecimento. E é na limitação do entendimento do papel do sujeito no processo informacional apresentado pelo paradigma físico que se encontra o caminho para a evolução do segundo paradigma.

### 3.2 Paradigma Cognitivo

Partindo da diferença entre conhecimento e registro (suporte físico) em documentos e incluindo também, segundo Capurro (2003), a cognição como um fator essencial no processo, tem-se a proposta do paradigma cognitivo. A perspectiva central recai sobre a tentativa de ver a maneira como a informação age sobre o sujeito cognoscente, uma vez que este é dotado de modelos mentais que são transformados pela informação. Tudo isto se justifica, na reflexão de Smit (2012), pela impulsão que as ciências humanas e sociais ganharam e pela oposição que essas fizeram à lógica das ciências exatas, alterando a relação “sujeito-objeto”.

Nesse ponto, reconhece a influência de Brookes (1980, p. 131) quando este “considera a informação como inseparável do sujeito”, pois a “informação é um produto humano, portanto, não se deve excluir o homem do processo”. O referido autor elaborou a Equação Fundamental da Ciência da Informação, Figura 2, estabelecendo uma relação entre a informação e o conhecimento. A Equação se constitui em:

Figura 2 – Equação Fundamental da Ciência da Informação

$$K [S] + \Delta I = K [S + \Delta S]$$

Fonte: Brookes, 1980, p. 131.

A equação proposta segue o pressuposto de que o conhecimento que pertence a uma pessoa ( $K[S]$ ) é transformado em um conhecimento (novo ou adaptado) ( $K[S + \Delta S]$ ), todas as vezes que uma informação ( $\Delta I$ ) for apreendida. Vale lembrar que, para Brookes (1980), a informação existe por sua necessidade, ou seja, os usuários buscam por ela na tentativa de resolver alguma situação, situação-problema, em que os modelos mentais já existentes não oferecem condições de resolvê-la.

Desse modo, para o autor, o crescimento do conhecimento não ocorre somente de forma incremental, mas pela absorção da informação em uma estrutura de conhecimento já existente que passará por um ajuste, ou uma mudança, nos conceitos já admitidos. Ou seja, “uma vez que se verifica uma falta, uma ausência de determinada informação, inicia-se o processo de busca de informação como aquilo capaz de preencher uma lacuna, satisfazer uma ausência” (ARAÚJO,

2009, p. 200). Na análise de Araujo (2009), dentro dessa lógica, a informação pode ser compreendida dentro de um escopo cumulativo na proporção de que novas informações se somam e remodelam o conhecimento no mapa mental individual. Nesse sentido, a nova informação acrescentará, ou criará um novo conhecimento ou, ainda, será recusada pelo sujeito gerando uma nova procura.

Dando sequência a essas considerações

nosso estado (ou nossos estados) de conhecimento sobre determinado assunto, em determinado momento, é representado por um estrutura de conceitos ligados por suas relações; nossa imagem do mundo. Quando constamos uma deficiência ou uma anomalia desse(s) estado(s) de conhecimento, encontramos-nos em um estado anômalo de conhecimento. Tentamos obter uma informação ou informações que corrigirão essa anomalia. Disso resultará um novo estado de conhecimento (LE COADIC, 1996, p. 9).

Para Maimone e Silveira (2007), o sujeito não é passivo; ao contrário, ele é ativo e busca por informações quando precisa delas; assim, “trata-se de um processo em espiral no qual um conhecimento substitui ou complementa o outro” (p. 61) diferentemente do postulado pelo paradigma físico. Ocorreu então uma mudança de foco, segundo Figueiredo (1999), no âmbito da informação. Para o autor, o paradigma físico centra-se na informação e, no paradigma cognitivo, os olhares se voltam para o usuário que necessita de informação, busca por ela e altera seu mapa mental a partir das transformações efetuadas com a informação apreendida.

Torna-se significativo ressaltar que o paradigma cognitivo tem uma abordagem individual trazendo então uma visão reducionista do homem, pois desconhece o seu contexto social e seu aporte cultural. Smit (2012, p. 89) aponta que “instaura-se uma epistemologia individualista, trazendo consigo a consciência que a realidade do mundo material sempre é uma construção mental”, ou seja, “é o momento “centrado-no-usuário”, mas sempre um usuário individual, isolado, não inserido numa dimensão coletiva”.

Nesse ponto, desenvolveu-se o paradigma social o qual Capurro (2003) aponta que seu pressuposto principal é o entendimento de que os processos informacionais são processos de construção social. Brown e Duguid (2001, p. 5) chamam atenção para o fato de que “dar atenção em demasia à informação faz vistas grossas ao contexto social que ajuda as pessoas a entender o que aquela informação poderá representar e por que ela apresenta tanto interesse”. Capurro (2003) analisa esse paradigma utilizando-se dos estudos realizados principalmente por Hjørland e Albrechtsen (1995).

### 3.3 Paradigma Social

Shera, apontado por Marcial *et al.*, (2007, *online*) como um dos primeiros autores a utilizar o termo “epistemologia social”, afirma que “não se pode conhecer os processos intelectuais da sociedade somente com o estudo do indivíduo, isolado da cultura e da sociedade em que está inserido”. Ou seja, existe uma integração, segundo Capurro (2003), entre a perspectiva cognitiva (individualista) e o paradigma social em que diferentes sujeitos, vinculados à sua comunidade, desenvolvem seus critérios de seleção e significância.

Partindo da ideia da construção social, Capurro (1992), realizando uma análise crítica dos paradigmas anteriores, destrói o consenso geral sobre informação a qual é entendida até então, como algo anterior ao conhecimento quando, na verdade, a informação é o conhecimento em

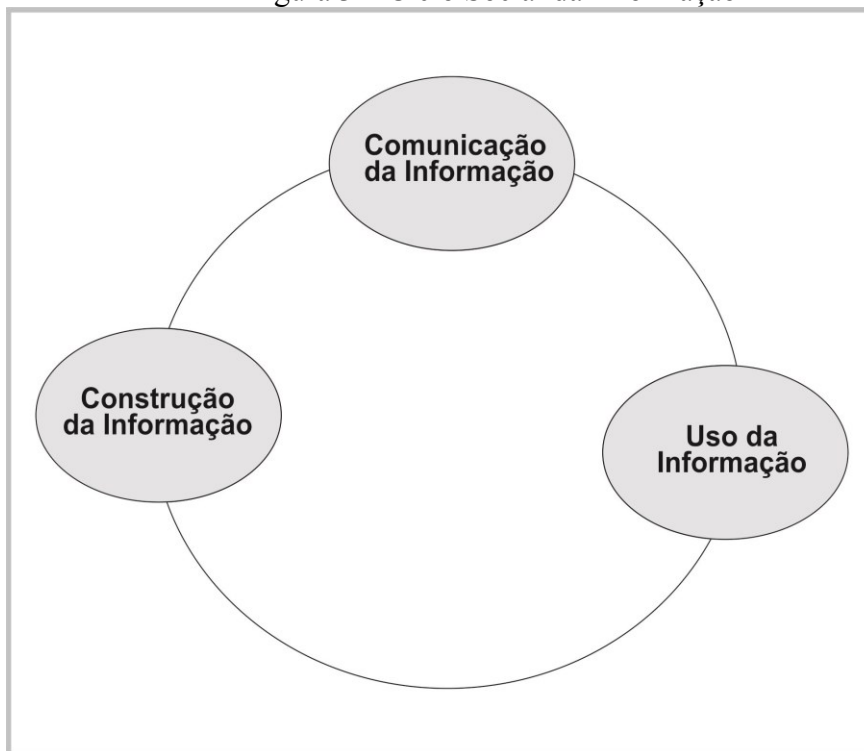
ação. Na compreensão de Capurro (1992), os paradigmas anteriores, também chamados pelo autor de Modelo Representacionista, têm como ponto de equívoco a ideia de duplicação (quando é transmitida a informação) na mente de um sujeito de uma realidade que é exterior a ele e que está originalmente na mente de outro sujeito. Sob este prisma, para o autor, a informação é um ponto fundamental da relação dos seres humanos, uns com os outros, e com o mundo que partilham (CAPURRO, 1992).

Esse aspecto faz com que a informação ganhe um sentido mais amplo, pois, a partir dessas considerações, a informação é mais que as mensagens (primeiro paradigma) que são cognitivamente processadas e rearranjadas (segundo paradigma), mas possuidoras de um contexto impregnado de historicidade das pessoas envolvidas. Ou seja, na leitura de Saracevic (1999), a informação envolve motivação e intencionalidade e, claro, interliga-se aos contornos do contexto social ao seu redor. Essa ideia é corroborada por Duarte quando esta argumenta que

o ser humano é capaz de adquirir conhecimento interagindo com o mundo ao seu redor. Portanto, a informação não se define apenas como subprocesso da comunicação, mas existe mesmo quando não há intencionalidade de comunicar-se. É processo de atribuição de sentido capaz de alterar um estado de conhecimento prévio, mesmo que não haja comunicação explícita (DUARTE, 2009, p. 65).

Esses pontos são sumarizados no Ciclo Social da Informação de Le Coadic (1996), reproduzido na Figura 3, a qual demonstra que o processo de construção, comunicação e uso da informação são realizados em ciclos sucessivos e de retroalimentação constantes.

Figura 3 – Ciclo Social da Informação



Fonte: Le Coadic, 1996, p.2.

Além do entorno social, outro ponto a ser ressaltado é a valorização do conhecimento prévio, conforme apontado por Hjørland (2002), que o sujeito possui e que é construído e influenciado pela sociedade em que esse está inserido.

Sob a influência destes pressupostos teóricos, Araujo (2009, p. 203) afirma que “desenha-se uma perspectiva nova de estudos da informação, que a entende não mais como coisa, mas como [...] [...] algo construído essencialmente histórico e cultural que só pode ser apreendido na perspectiva dos sujeitos que a produzem, a disseminam e a utilizam”. Entretanto, é amplamente necessária a “compreensão dos contextos de produção e uso da informação (contextos social, organizacional ou profissional)” a qual “constitui uma condição necessária para o trabalho com a informação” (SMIT, 2012, p. 90).

Desse modo, o indivíduo,

relaciona-se com a informação de forma sempre contextualizada, já que o mesmo procura e entende a informação em função tanto de suas redes semânticas individuais, mas também do contexto no qual vive, dos valores que o movem e de acordo com a necessidade informacional determinada pelo mesmo contexto (MAIMONE; SILVEIRA, 2007, 89).

Tudo isso remete para o fato de que não se pode desvencilhar o ser humano de seus condicionantes sociais, o que reforça a ideia de que a Ciência da Informação; para estudar os seus fenômenos, necessita-se considerá-los como parte integrante da sociedade. Em consonância a esses aportes teóricos, Kumar (1997), baseando-se em Wiener, assinala que a informação é o elemento vital para a sobrevivência humana, pois permite o intercâmbio entre o ser humano e o ambiente em que este está inserido. Na confluência desses aspectos, concebe-se o homem como um sujeito social e histórico capaz de realizar sua própria interpretação frente ao contexto do qual faz parte.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Araújo (1999) aponta que uma característica marcante do ser humano é a sua capacidade de “representar simbolicamente as experiências vividas, transformando-as em discursos com significação, em informação sobre o mundo que podem ser comunicadas entre seus semelhantes” (p. 165). De forma mais explícita, Nonaka e Takeuchi discorrem que

a informação proporciona um novo ponto de vista para a interpretação de eventos ou objetos, o que torna visíveis significados antes invisíveis ou lança luz sobre conexões inesperadas. Por isso, a informação é um meio ou material necessário para extrair e construir o conhecimento (NONAKA; TAKEUCHI, 1997, p. 63).

A tônica desses conceitos até o momento delimitados reforça o paradigma social em que, por detrás do discurso aparentemente polissêmico, encontra-se a base que é o homem, dentro de seu composto social, dono absoluto de seu mundo. Além dessas definições, têm-se outras que coexistem dentro do mesmo parâmetro de ação significativa e interpretativa do ser humano frente ao processo informacional.

Esse aspecto também pode ser observado na abordagem teórica de Barreto (1999), o qual sugere que a informação é uma variável transformadora da consciência humana e da sociedade, considerando-se o poder de sintonizar o mundo que ela possui. Nessa mesma linha de análise, Araujo (1999) aponta que a informação, no âmbito das práticas sociais, é um elemento de suma

importância, uma vez que os sujeitos sociais se transformam - saindo de um estado de conhecimento para um estado mais avançado - por meio da apreensão do significado dessa mesma informação. Por isto, Brown e Duguid (2001) afirmam que a informação remete à liberdade, uma liberdade que liberta as pessoas.

Reforçando tais argumentos, Valentim salienta o aspecto do significado e afirma que a

informação está totalmente imbricada ao sujeito, pois requer mediação humana própria, o que é informação para um pode não ser informação para outra. Assim, o sujeito cognoscente significa e/ou ressignifica a informação, uma vez que infere análise, síntese e contexto a ela (VALENTIM, 2013, *on line*).

Debruçando-se sobre esses conceitos, além dos aspectos já citados, tem-se então que a informação, para ser concebida como tal, precisa ter sentido, fazendo-se significativa para que, dessa forma, possa se diferenciar de dados. Complementando e ampliando essa análise, Duarte (2009, p. 66) afirma que a “informação qualifica-se, em forma e substância, como estruturas significantes com a competência de gerar conhecimento para o indivíduo e seu grupo”.

Nesse sentido, Nonaka e Takeuchi (1997) apontam que existem duas perspectivas que devem ser consideradas no âmbito da informação: uma perspectiva sintática que se centra no volume de informações e outra, semântica, que se relaciona com o significado que a informação possui. Os autores ainda sugerem que a perspectiva semântica é a mais importante, haja vista que propicia a construção do conhecimento, pois este se concentra no significado transmitido.

Assim, todo este contexto somente tem relevância a partir do momento que a utilização da informação propicia a criação de conhecimento, pois, como dito anteriormente, depende da perspectiva semântica que ela possui. Sveiby (1998) afirma que o valor de uma informação está no seu potencial de criar conhecimento que poderá ativar significados na mente de outras pessoas.

Reforçando tal análise, Barreto afirma que a

[...] informação em seus momentos de passagem é cidadã de dois mundos, com direção, mas carregando enorme tensão no ritual de passagem. No entanto, é nos momentos de passagem que o fenômeno da informação apresenta sua característica mais bela, pois transcende ali a solidão fundamental do ser humano: o pensamento se faz informação e a informação se faz conhecimento (BARRETO, 2002, p. 71).

Decorrente de todos esses aspectos teóricos, a informação, conforme sintetizado por Capurro e Hjørland (2007, p. 155), é definida como aquilo que é “informativo para uma determinada pessoa” congregando os principais teóricos do paradigma social. Sob esta ótica, a informação proporciona um novo ponto de vista para a interpretação de eventos ou objetos, o que tornam visíveis significados antes invisíveis ou lança luz sobre conexões inesperadas. Assim, a informação: “é um meio ou material necessário para extrair e construir o conhecimento” (NONAKA; TAKEUCHI, 1997, p. 63).

Mas o fato é que, se a informação é elemento constitutivo do campo social, é necessário ressaltar as transformações pelas quais a sociedade já passou (e passa) e que, de forma contundente, interpôs uma dinâmica diferenciada à ação humana. O desenvolvimento tecnológico, associado à globalização econômica, causou rupturas tanto conceituais quanto estruturais propiciando, assim, uma pluralidade de mudanças. Esse imperativo de transformações,

na perspectiva de Castells (2008, p. 39), é consequência de “uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação que começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado”. Tem-se, então, dessa forma, uma mudança paradigmática baseada na revolução da informação. Por conseguinte, como observado por Cardoso (2008, p. 36), o novo cenário enraizado na informação construiu um “novo modo de desenvolvimento, que não se substitui ao modo de produção capitalista, mas lhe dá nova face e contribui de forma decisiva para definir os traços distintivos das sociedades do final do século XX”.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Esta é a condição da informação, a de harmonizar o mundo” (BARRETO, 2002, p. 70). Essa proposição teórica dá corpo ao objeto de estudo da Ciência da Informação que, em sua definição, já consolidada desde os anos 60, tem que ela seria o “estudo da geração, coleta, organização, interpretação, armazenagem, recuperação e disseminação da informação” (GOMÉZ, 2007, p. 149-150).

Estudar informação se compõe na *expertise* da Ciência da Informação, haja vista que a área se tornou “uma instituição de reflexão da informação como um campo que estuda a ação mediadora entre informação e conhecimento acontecido no indivíduo” (BARRETO, 2002, p. 70). Oferecendo um caráter mais dinâmico à informação, Almeida Jr. (2007) aponta que a apreensão da informação pressupõe um processo transformador, uma modificação do estado anterior pelo conhecimento que é apropriado por alguém sendo, dessa forma, uma produção e não somente um consumo passivo. Corroborando esta análise, Valentim (2008) sugere que é justamente pela ação mediadora que a informação se constitui como um insumo significativamente importante para distintos contextos. Parafraseando Wilke (2012, p.100), “a produção material e a produção de conhecimento, realizadas pelos indivíduos concretos, não ocorrem num mundo abstrato e vazio, mas na tessitura dialética das relações sociais determinadas [...] [...] produzidas pelos sujeitos sociais situados histórica e socialmente”.

Frente a esses posicionamentos teóricos, tem-se que o presente estudo se propôs a apresentar uma revisão de literatura sobre informação tendo como pano de fundo sua evolução paradigmática por meio das análises daqueles que se dispusera a estudá-la. Os aportes teóricos passíveis de sistematização foram apresentados considerando-se os três paradigmas em que, grande parte dos teóricos, compreende o desenvolvimento e consolidação do constructo.

Levando em consideração o material pesquisado, o elemento comum, subjacente aos paradigmas, é o poder da informação em provocar reações e/ou modificações no comportamento daquele que a utiliza. O reconhecimento da importância do contexto social, sem dúvida alguma, é a contribuição fundamental do paradigma social haja vista que o ser humano não pode ser “descolado” de sua historicidade e de seus laços sociais. Dessa forma, dentro de um *continuum* de análise, ressalta-se a evolução das fronteiras do conceito de informação. Fronteiras que foram se ampliando e, também, buscando acoplar variáveis que viessem a responder às necessidades do campo de saber da Ciência da Informação. Concorda-se, assim, com Smit (2012), a qual argumenta que, no caso da Informação, não houve uma ruptura paradigmática, mas uma integração entre as diferentes linhas teóricas.

A partir desses fatos, evidenciou-se o longo traçado epistemológico do conceito em que o sujeito saiu de sua condição coadjuvante (paradigma físico) para um papel protagonista

(paradigma social) na construção do processo informacional. Em face ao exposto, percebe-se que os conceitos vão se complementando ao longo das diferentes áreas e subáreas estudadas, orientadas por diferentes olhares e pressupostos conceituais. Salienta-se que o objetivo não foi apresentar antagonismos nem em se posicionar a favor deste ou daquele pressuposto. A intenção ao escrever este *paper* se concentra em fazer um esforço reflexivo em se pensar o conceito informação dentro de um contexto teórico evolutivo tendo como pano de fundo sua importância na sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA JR., O. F. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, J. P. (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.

ARAUJO, C. A. A. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 38, n. 3, p.192-204, set./dez., 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a13>>. Acesso em 25 Nov. 2017.

ARAUJO, E. A. de; MELO, A. V. C. de. Capital informacional e construção do poder simbólico: uma proposta epistemológica a partir de Pierre Bourdieu. . In: VIII ENANCIB, 2007, Salvador. **Anais ...** Salvador, 2007.

BARRETO, A. A. A condição da informação. **São Paulo em Perspectiva**. v. 16, n. 3. São Paulo, 2002. Disponível em: <[http:// dx.doi.org/10.150/S0102 – 88392002000300010](http://dx.doi.org/10.150/S0102-88392002000300010)>. Acesso em: 1 abr. 2014.

BARRETO, A. A. A oferta e a demanda da informação: condições técnicas, econômicas e políticas. **Ciência da informação**. Brasília: v., 28, n. 2, 1999. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/298/264>. Acesso em: 1 dez. 2013.

BROOKES, B.C. The foundations of information science: Part I: **Philosophical Aspects**. **Journal of Information Science**, v. 2, p. 125-133, 1980. Disponível em: <<http://comminfo.rutgers.edu/~kantor/601/Readings2004/Week3/r4.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2015.

BROWN, J. S.; DUGUID, P. **A vida social da informação**. São Paulo: Makron Books Ltda, 2001.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science (1986-1998)**, v. 42, n. 5, p. 351, 1991. Disponível em: <http://inls151f14.web.unc.edu/files/2014/08/buckland1991-informationasthing.pdf>. Acesso em 15 out. 2015.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - ENANCIB, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, ANCIB, 2003. . Disponível em: <[www.capurro.de/enancib\\_p.htm](http://www.capurro.de/enancib_p.htm)>. Acesso em: 5 jul. 2010.

CAPURRO, Rafael. What is information science for? A philosophical reflection. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Eds). **Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives**. Londres; Los Angeles: Taylor Graham, 1992. p. 82-96.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte: v. 12, n. 1, p. 148-207, jan/abr 2007. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

CARDOSO, F. H. Prefácio. In: CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

DUARTE, A. D. S. Ciclo informacional: a informação e o processo de comunicação. **Em Questão**. Porto Alegre, v. 15, n. 1, enero-junio, 2009, p. 57-72. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/4656/465645960005/>>. Acesso em 20 Out. 2017.

FIGUEIREDO, N. M. de. **Paradigmas modernos da ciência da informação**. São Paulo: Polis: APB, 1999.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GERLIN, M. N. M.; SIMEÃO, E. L. M. S.. Entre o era uma vez e as conexões em redes: competência em informação dos contadores de histórias do Espírito Santo. 2017. Disponível em: <<http://200.20.0.78/repositorios/handle/123456789/3230>>. Acesso em 15 Jan. 2018.

GÓMEZ, M. N. G. de. Ciência da informação, economia e tecnologias de informação e comunicação: a informação nos entremeios. In: MACIEL, M. L.; ALBAGLI, S. (Org.). **Informação e desenvolvimento: conhecimento, inovação e apropriação social**. Brasília: IBICT, UNESCO, 2007.

HJØRLAND, B. Epistemology and the socio-cognitive perspective in Information science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**. vol. 53, n. 4, p. 257-270, 2002; ABI/INFORM Global. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.10042/abstract>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

HJØRLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in information science: Domain-analysis. **Journal of the American Society for Information Science**. Volume 46, Issue 6, pages 400–425, July 1995. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/%28SICI%291097->

[4571%28199507%2946:6%3C400::AID-ASI2%3E3.0.CO;2-Y/citedby>](#). Acesso em: 15 out. 2015.

KUMAR, K. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LE COADIC, Y. F. **A ciência da informação**. Brasília: Brique de Lemos, 1996. Disponível em: <http://www.restaurabr.org/siterestaurabr/CICRAD2011/M1%20Aulas/M1A3%20Aula/20619171-le-coadic-francois-a-ciencia-da-informacao.pdf>. Acesso em: 15 out. 2015.

MAIMONE, G. D.; SILVEIRA, N. C. Cognição humana e os Paradigmas da Ciência da Informação. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, v. 6, n. 1, p. 55-67, 2007. 68 Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/reic/article/view/748>. Acesso em: 24 out. 2015.

MARCIAL, E. C.; RAMOS, H. S. C.; SHINTAKU, M.; RODRIGUES, R. C.; VASCONCELOS, W. Epistemologia da Ciência da Informação: a presença do paradigma social de Capurro na literatura. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - ENANCIB, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador, ANCIB, 2007. Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT1--231.pdf>. Acesso em 15 out. 2015.

MARTELETO, R. M.. Informação: elemento regulador dos sistemas, fator de mudança social ou fenômeno pós-moderno? **Ciência da Informação**, Brasília, v. 16, n. 2, p. 169-180, jul./dez 1987. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/260>>. Acesso em 15 out. 2017.

MINAYO, M. C. de S. (Org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação de conhecimento na empresa**: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. 8. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

RÜDIGER, F.. **Introdução à Teoria da Comunicação**: problemas, correntes e autores. 2. ed. São Paulo: Edicon, 2004

SANTOS, J. C. S. dos. A Matematização da informação: um ensaio. **Ponto de Acesso**. Salvador, v.7, n.3 ,p. 167-172, dez 2013. Disponível em: [www.pontodeacesso.ici.ufba.br](http://www.pontodeacesso.ici.ufba.br). Acesso em 07 Set. 2017.

SARACEVIC, T. Information science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**. Vol. 50, n. 12, p. 1051-1063, 1999; ABI/INFORM Global. Disponível em: <[http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/\(SICI\)1097-](http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/(SICI)1097-)

[4571\(1999\)50:12%3C1051::AID-ASI2%3E3.0.CO;2-Z/abstract](#)>. Acesso em: 15 fev. 2015.

SMIT, J. W. A informação na ciência da informação. **INCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**. Ribeirão Preto, v. 3, n.2, p. 84-101. Jul./Dez. 2012. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/incid/article/download/48655/52726](http://www.revistas.usp.br/incid/article/download/48655/52726)>. Acesso em: 5 dez. 2015.

SVEIBY, K. E. **A nova riqueza das organizações**: gerenciando e avaliando patrimônios de conhecimento. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

VALENTIN, M. L. P. A. **A importância do compartilhamento de conhecimento em ambientes empresariais**. Palestra proferida no III Seminário de Estudos da Informação: gestão do conhecimento, da informação e de documentos em contextos informacionais. Niterói/RJ, 2013.

\_\_\_\_\_. **Gestão da informação e do conhecimento no âmbito da ciência da informação**. São Paulo: Polis: Cultura Acadêmica, 2008.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 1997.

WERSIG, G.; NEVELING, U. The phenomena of interesting to information science. **Information Scientist**. V. 9, n. 4, p. 127-140. Dec. 1975.

WILKE, V. Filosofia e informação: dos muitos sentidos de informação e algumas abordagens filosóficas – contribuições para a epistemologia da informação. **Informação Arquivística**. Rio de Janeiro, RJ, v. 1, n. 1, p. 91-112, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.aaerj.org.br/ojs/index.php/informacaoarquivistica/article/view/7/6>>. Acesso em 30 Nov 2017.